



**ANGOLA**

**LIVRE**

**n.º 3 - 4AGO74**



Camarada Presidente  
AGOSTINHO NETO



Edições CASA DE ANGOLA



## CAMARADA PRESIDENTE AGOSTINHO NETO

Nascido a 17 de Setembro de 1922 em Icolo e Bengo, acabou o curso liceal e trabalhou nos Serviços de Saúde de Luanda entre 1944/47. Chegando a Portugal em 1947 iniciou os seus estudos em Coimbra onde permaneceu 3 anos, transitando a seguir para Lisboa onde veio a completar o curso de medicina em 1958.

Perseguido devido às suas actividades anti-colonialistas veio a sofrer a 1ª prisão em 1952, ficando detido 3 meses em Caxias. Em 1955 foi preso pela 2ª vez condenado a 18 meses de prisão no Porto, por ter participado num meeting de jovens, como representante da juventude das colónias sob domínio português. Depois de 23 meses de tortura foi posto em liberdade. Preso novamente em Junho de 1960 em Luanda. Em consequência de tal prisão a população de sua Terra Natal manifestou-se como protesto, respondendo a repressão colonial fascista com 30 mortos e 20 feridos - Massacre de Icolo e Bengo - . Devido à reacção das massas as forças colonialistas deportaram-no para as Ilhas de Cabo Verde.

Nesta altura foi eleito presidente honorário do M.F.L.A. .

Preso pela 4ª vez na Cidade da Praia e enviado depois para Lisboa, onde permaneceu no isolamento durante 6 meses. Restituído à liberdade foi-lhe fixada residência em Lisboa, donde em 1962 se evade e vai juntar-se às forças do M.F.L.A..

Mais importante que a bibliografia do Camarada Presidente Agostinho Neto, será o conteúdo político do seu pensamento.

É conhecendo o seu pensamento que poderemos compreender o seu papel de revolucionário e a sua contribuição efectiva na luta armada que conduzirá à vitória final do Povo Angolano sobre o Colonialismo Português, assim como o Imperialismo.

A dimensão da luta de Libertação Nacional é em grande parte a aplicação prática da sua teoria. É por isso que as massas populares o elegeram para Presidente e o aceitaram como Guia do Povo.

Eis alguns extractos do seu pensamento:

- "Este momento é indiscriminável para mim que regresso ao continente africano, onde se vive quotidianamente uma luta contra o colonialismo.

Tenho grande prazer de enviar aos Movimentos Nacionalistas para a libertação das colónias portuguesas, e especialmente aos movimentos que operam em Angola, Guiné e Moçambique, as saudações fraternas de um camarada de luta que acaba de se libertar das prisões do governo fascista português e que pretende recomeçar a luta contra o colonialismo.

Presto a mais sincera homenagem aos guerrilheiros mortos no campo da batalha e nas prisões, aos prisioneiros, aos exilados e a todos os militantes da nobre luta pelo desenvolvimento das nações sob o domínio colonial português.

Soube que nutrem esperança de pôr fim rapidamente a esta luta que travamos contra a opressão e a exploração.

As condições necessárias para a nossa vitória são a unidade e uma firme determinação de eliminar o domínio estrangeiro dos nossos países, mesmo que isto custe muito caro. Estas condições, que são os objectivos dos movimentos agrupados na CONCP, são a melhor garantia da nossa vitória.



Aos nossos aliados na guerra contra a barbárie do colonialismo, entre os quais conto com todas as organizações progressistas e democráticas portuguesas e no mundo, a cujo esforço devo a minha libertação, envio um abraço fraterno, consciente de que a luta contra a exploração do homem pelo homem em qualquer parte do mundo é um contributo directo para a nossa libertação".

Mensagem aquando da evasão de Portugal  
Julho - 1962

- "Não há dúvida que para se atingir a completa independência política, económica e social, e que para o nosso povo seja verdadeiro senhor do seu destino, é necessário que nos armemos com os instrumentos próprios para a acção. Na presente fase, é necessário que a luta esteja completamente sob a orientação de um partido independente que possua ideias bem definidas, que os seus militantes sejam disciplinados e absorvam inteiramente a doutrina do seu partido".

Junho - 1968

- "Para continuar o nosso combate, devemos mobilizar todas as energias, todas as fontes humanas e materiais do nosso país. A nossa política consiste essencialmente em contar connosco próprios, com as nossas próprias forças. Sem subestimar, evidentemente, a importância da assistência exterior".

Junho - 1968

- "Não existem contradições fundamentais sem solução entre os povos português e angolano. A partir do fim da guerra colonial, poderão estabelecer-se entre nós justas relações, com base no respeito pela igualdade e pela liberdade dos nossos povos. Alegramo-nos pois pela resistência organizada por todos os progressistas portugueses contra o fascismo e a guerra colonial. Consideramos os progressistas, que têm a coragem de combater pela liberdade, que têm a coragem de exprimir o seu desejo de ver terminada a guerra colonial, como nossos amigos e nossos aliados com os quais poderemos ter harmoniosas relações no futuro".

Fevereiro - 1970

- "Uma revolução é um processo que compreende dois factores básicos - destruição e construção - enquanto por um lado se destrói a economia colonial, por outro tem-se de começar a construir uma nova vida. Simultaneamente na actividade de guerrilha há três tarefas principais que exigem a atenção e os esforços dos nacionalistas: a produção agrícola e artesanal, assistência e treino de quadros".

#### A Propósito da Reconstrução Nacional

- "A luta conduzida pelo M.P.L.A. é também anti-imperialista. O povo angolano não pode separar o seu inimigo directo - o regime colonialista português dos seus directos aliados que, no interior da NATO ou directamente, o ajudem a manter a sua opressão odiosa e retrograda. ... o inimigo é o colonialismo, o sistema colonial, é ainda o imperialismo, que o sustenta primeiro, sendo até o inimigo principal".

Acerca de quem é o inimigo; qual é o seu objectivo.



## EDITORIAL

Fiéis à linha que nos orienta, procuramos trazer-te, desta vez, as tomadas de posição efectivas neste momento da História de Angola.

..... ★ .....

O Mundo e a opinião internacional pareceram sacudidos pelas palavras do Presidente da República Portuguesa, general António de Spínola, ao reconhecer SOLENEMENTE o direito dos Povos de Angola, Moçambique e Guiné à autodeterminação e independência. Isso significa, continuou o orador, "que estamos dispostos a partir de agora a efectuar a transferência de poderes".

Numa análise fria e sucinta do discurso cabe-nos considerar, para além do que de imediato deixa perceber, inúmeras questões que ela deixa em aberto e que dão uma margem de manobra que nunca será demais por em destaque.

Perguntamos :

E Cabo-Verde, S. Tomé e Príncipe e Timor ?

A quem será feita a " transferência de poderes ?

Demais, passando os olhos às declarações de outros responsáveis pela política e administração portuguesa ficamos sem perceber bem, o que significa " lusitanidade", " a última palavra pertence ao exército", " o referendo ainda não foi posto de parte" ou até mesmo " Governo de coligação".

Mais uma vez a vigilância impõem-se perante as contradições por demais evidentes, bem como para a luta que teremos de enfrentar em cada vez mais frentes : contra as manobras reaccionárias, contra as forças organizadas do Neo-colonialismo e Imperialismo, bem contra os oportunistas que, na mira da tomada de poder, mais não farão do que dividir-nos, lançando a confusão, tentando retardar o processo irreversível para a INDEPENDÊNCIA TOTAL E COMPLETA, sob a Bandeira do glorioso M.P.L.A.

Cientes de que foi o Povo das Colónias em armas que provocou a mudança para o 25 de Abril Português e impôs o reconhecimento do direito à independência saudamos, vivamente, as forças revolucionárias das colónias bem como as forças progressistas mundiais no passo dado para que sobre a Terra não haja mais lugar para a humilhação, opressão e exploração do homem pelo homem.

VIVA O M.P.L.A

VIVA O P.A.I.G.C.

VIVA A FRELIMO

VIVA O M.L.S.T.P.

VIVA A LUTA JUSTA DOS POVOS OPRIMIDOS





## PORQUE APOIAMOS O CAMARADA PRESIDENTE AGOSTINHO NETO

Duas semanas após o "25 de ABRIL", chegou-nos às mãos, com o objectivo de divulgação e tomada de posição face ao mesmo, o "APELO DOS 19".

Após assentarmos num preâmbulo, de que os problemas internos do Movimento teriam e deveriam ser resolvidos apenas pelos militantes e quadros, com efectivo empenhamento na luta armada, achamos pertinente a análise do referido apelo; porém, cedo nos apercebemos de que os seus subscritores, "nada mais tinham feito que ficar na montanha, vendo os trigueiros combater" enquanto que pelo lado acusado, a experiência e o exemplo na vanguarda da luta armada, determinava a verdadeira representatividade no seio do Povo Angolano.

### Posto isto CONSIDERAMOS:

- 1) - Que a CRITICA só é válida quando parte de dentro para fora e não de fora para dentro, devendo ser enquadrada no próprio desenvolvimento e conteúdo da luta armada.
- 2) - Que pelo motivo atrás expresso, a divulgação do dito "APELO", se tornou profundamente pernicioso, oportunista e difamatória do bom nome do M.P.L.A., tanto a nível NACIONAL como INTERNACIONAL.
- 3) - Que no actual contexto político, o apelo surge como um trunfo da contra-revolução, com o qual especulam tentando denegrir a imagem do M.P.L.A. e do Povo Angolano.
- 4) - Que a nossa posição naquele momento, enquanto simpatizantes do M.P.L.A., seria a de obediência estrita ao Programa e linha política traçada pelo Movimento.
- 5) - Que em face do exposto a atitude mais correcta seria a do "CONGELAMENTO" do dito apelo, não permitindo a sua propagação.

Porém a cadeia já extensamente formada, baldou-nos os esforços, tendo a curto prazo a Imprensa Internacional feito eco do mesmo.

Nesta base, como verdadeiros Angolanos temos a obrigação e o dever de definirmos a nossa posição política face a este momento histórico, e de demarcarmos-nos de todos os oportunistas e confusionalistas — aqueles que dizendo defender o Povo Angolano e falando em nome do mesmo, recorrem a "frases feitas" com o único propósito e objectivo de dividi-lo, não fazendo portanto mais, senão defender os seus interesses pessoais e de classe, relegando para último plano o que ao Povo Angolano verdadeiramente interessa, — que temos o dever e a obrigação, repetimo-lo, de explicar o PORQUÊ do nosso apoio total e incondicional ao nosso Camarada Presidente AGOSTINHO NETO.

Explicamo-la a) - pela análise histórica dos interesses de classe e b) - porque oportunistas saídos de Portugal quiseram afirmar, em nome dos Angolanos residentes em Portugal, que estes apoiariam esta ou aquela "facção" dita discordante, e c) - pela posição assumida pelos "19" face ao Congresso.

Cabe, já aqui expressar a nossa posição clara e bem definida: APOIAMOS TOTAL E INCONDICIONALMENTE O NOSSO PRESIDENTE, CAMARADA AGOSTINHO NETO, E RECONHECEMOS O M.P.L.A. COMO LEGITIMOS E UNICO REPRESENTANTE DO POVO ANGOLANO, bem no espírito da vinculação à nossa Declaração de Princípios e ao Programa Mínimo.



## Como analisarmos historicamente os "interesses de classe" ?

- No processo de desenvolvimento histórico do nosso Movimento, sempre foi possível a aliança de classes, aliança essa que tinha como objectivo a conquista da INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA.

É preciso notar que todo o processo de luta para a Libertação Nacional, não caminha em LINHA RECTA, antes pelo contrário, o processo desenvolve-se com ALTOS e BAIXOS. Toda e qualquer luta da história dos Povos — luta reivindicativa, salarial, greves luta de Libertação Nacional — traz consigo momentos de grande vitória, a acelerar o processo, como também momentos de afrouxamento e depressão, desacelerando o mesmo processo.

É precisamente nestes momentos de afrouxamento do processo de luta revolucionária que os elementos se demarcam; por um lado, estão todos aqueles que na hora de MARE ALTA se proclamam de Nacionalistas e Revolucionários, mas que, quando a MARE BAIXA o Nacionalismo e a defesa dos reais interesses do Povo Angolano esmorecem e o que interessa "salvar" é a sua posição pessoal e de classe; por outro lado, estão os verdadeiros revolucionários, aqueles que dedicam a sua vida pela defesa intransigente do Povo, os que não quebram perante uma possível derrota mantendo-se firmes até ao último sopro de vida.

É nesta perspectiva que a análise destes elementos passa inevitavelmente pela análise e consideração do contexto total em que a luta se processou, bem como do contributo "efectivo" dos signatários do Apelo na mesma, em contraposição com a atitude assumida pelo Camarada, pelo Comité Director e pelo Povo Angolano cónscios do seu papel na luta armada. É assim que vemos surgir a pessoa do Camarada Presidente como elemento vivificador e dinamizador das forças na luta, generalizando a luta armada a todo o território, activando o papel das várias organizações operando nas regiões libertadas, projectando internacionalmente o nome do M.P.L.A. e do Povo Angolano, a um nível meritório que é bem a expressão do que ele realmente representa. Foi nesse momento histórico que apareceram os VERDADEIROS defensores do POVO ANGOLANO. São estes a verdadeira vanguarda dos que lutam pela COMPLETA INDEPENDENCIA DE ANGOLA e são os defensores dos REAIS interesses do NOSSO POVO.

### Como encaramos a realização do Congresso?

- A pretensa convocação dum Congresso do M.P.L.A. pelo grupo dos 19

Antes de qualquer análise sobre este "imaginário" Congresso proclamado pelo conhecido apelo dos 19, há que desmistificar a pretensa iniciativa deste grupo para a realização dum Congresso por eles convocado, e justificado pela existência do "presidencialismo absoluto", na pessoa do Camarada Presidente AGOSTINHO NETO.

Indo ao fundo da questão, esta manobra conhecida pelo apelo dos 19 demonstra na prática um claro oportunismo. E porquê ?

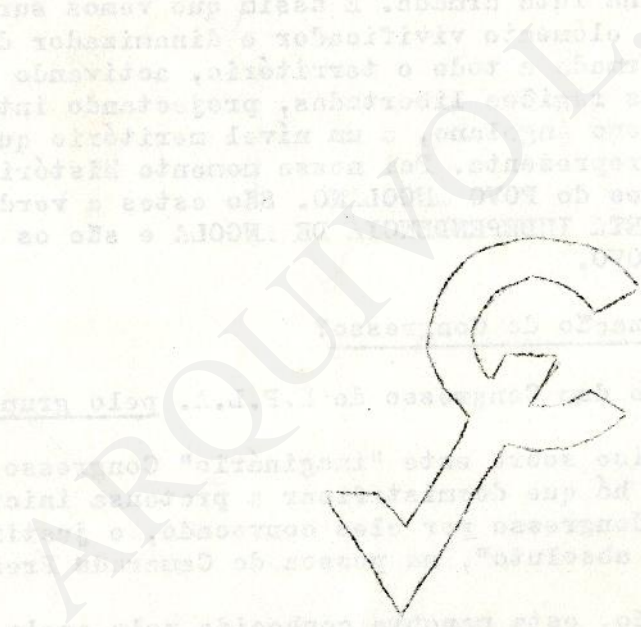
1. - O Congresso é fruto das decisões do Movimento de Reajustamento da Frente Leste (1972), reafirmada pelo Movimento de Reajustamento da Frente Norte (1973).
2. - Por outro lado, as Assembleias dos Militantes, Activos da Frente Norte (Fevereiro de 1974) e da Frente Leste (Abril de 1974) definiram as linhas gerais do Congresso e nomearam, então, a sua Comissão Preparatória, que entrou imediatamente em funcionamento.
3. - O Congresso estava previsto e era o resultado de reuniões constituintes e realizadas durante o período de 13 anos de luta armada e que são:



- 1ª Conferência Nacional, 1962
- Conferência Nacional de Quadros, 1964
- Assembleia Regional da 1ª e 2ª regiões, 1968
- " " " 3ª região, 1968
- Movimento de Reajustamento, na Frente Leste, 1972
- Movimento de Reajustamento, na Frente Norte, 1973
- Assembleias dos Militantes Activos da Frente Norte e da Frente Leste, 1974

4. - Alguns objectivos do Congresso:

- a) - Dotar o M.P.L.A. de estruturas estáveis capazes de responder às tarefas imediatas de organização dentro da perspectiva da tomada do poder.
- b) - Será também um Congresso da unidade. Neste contexto, e em conformidade com o programa do M.P.L.A., o Congresso fará um apelo a todo o POVO ANGOLANO, sem distinção de etnia, de credo religioso ou de opção política, e a todas as personalidades do País para aderirem ao M.P.L.A. no combate comum contra o inimigo comum.



MPLA

A VITÓRIA É CERTA



O CAMARADA PRESIDENTE AGOSTINHO NETO ALERTA-NOS PARA UM PERIGO:

### O NEOCOLONIALISMO.

Falando do Neocolonialismo, em Maio deste ano, o Camarada Presidente AGOSTINHO NETO afirmou que, geralmente, depois da independência ser concedida, surge uma nova situação colonial, o neocolonialismo, que impede o livre desenvolvimento da política dos novos países. E, acrescentou: "depois da independência, assumem o poder novos senhores, ainda ligados aos colonialistas. Geralmente, são os homens da classe que se propõe substituir os colonialistas e que continua a exploração do Povo".

Na realidade, se observarmos a História dos últimos 20 anos, veremos que só há duas maneiras para se obter a independência de uma colônia: ou se aceita a independência oferecida pelos colonizadores, ou se a conquista pela força. Em qualquer destes casos, o colonialista nunca aceita perder definitivamente a própria colônia.

Quando os países colonizadores aceitam conceder a independência a uma colônia, ou quando se é esforçado a escolher a via da luta armada, os colonizadores procuram em primeiro lugar defender-se, tomando determinadas medidas, determinadas precauções. Eles procuram criar e desenvolver uma camada social ou grupos de indivíduos que tenham grandes privilégios. Esta camada social é solidamente formada tanto pelos grandes proprietários autóctenes que beneficiaram dos melhoramentos sociais e da alizade com os colonialistas para aumentarem os seus bens materiais, como pelos funcionários autóctenes que foram promovidos pelo colonialismo e que por esta razão a ele estão ligados por laços de gratidão e amizade. Estes dois grupos de indivíduos, grandes proprietários e funcionários autóctenes, em consequência dos favores e privilégios — ou tornam-se, depois de independência — os melhores aliados do colonialismo e do imperialismo no interior dos países recém-independentes.

Com a independência, os grandes proprietários, se não forem nacionalistas conscientes e politizados, podem fazer um trabalho de sabotagem no campo da produção e da economia e podem recusar as possíveis medidas económicas que forem tomadas em favor das maiorias trabalhadoras e camponesas. Os funcionários que dominam a administração, podem, por sua vez, tornarem-se aliados do imperialismo com a independência se não forem suficientemente politizados e conscientes dos interesses das massas populares. Eles poderão sabotar todas as medidas económicas e políticas que favoreçam essas massas.

Esta é pois a camada social que, querendo manter depois da independência os privilégios de que gozava nos tempos do colonialismo, poderá tornar-se a melhor aliada do imperialismo, o qual a ajudará a conservar esta posição, em troca da defesa dos próprios interesses.

Assim, não deve surpreender que com a independência oferecida pelos colonialistas, continuando a explorar as massas trabalhadoras e camponesas.

No caso de uma independência conquistada pelas armas, o processo também se pode repetir. Se bem que, neste caso, exista um formidável travão: as massas populares conscientes e politizadas.

As massas foram o motor da luta armada; transformaram-se ao longo dessa luta, conquistaram a sua real afirmação e, por fim, essas massas serão, depois da independência, o motor da Revolução. É a essas massas, pois, que com-



pete denunciar e combater durante e depois da luta, estas manobras do imperialismo e dos seus aliados internos e externos, defendendo assim a possibilidade de obterem uma independência total e completa.

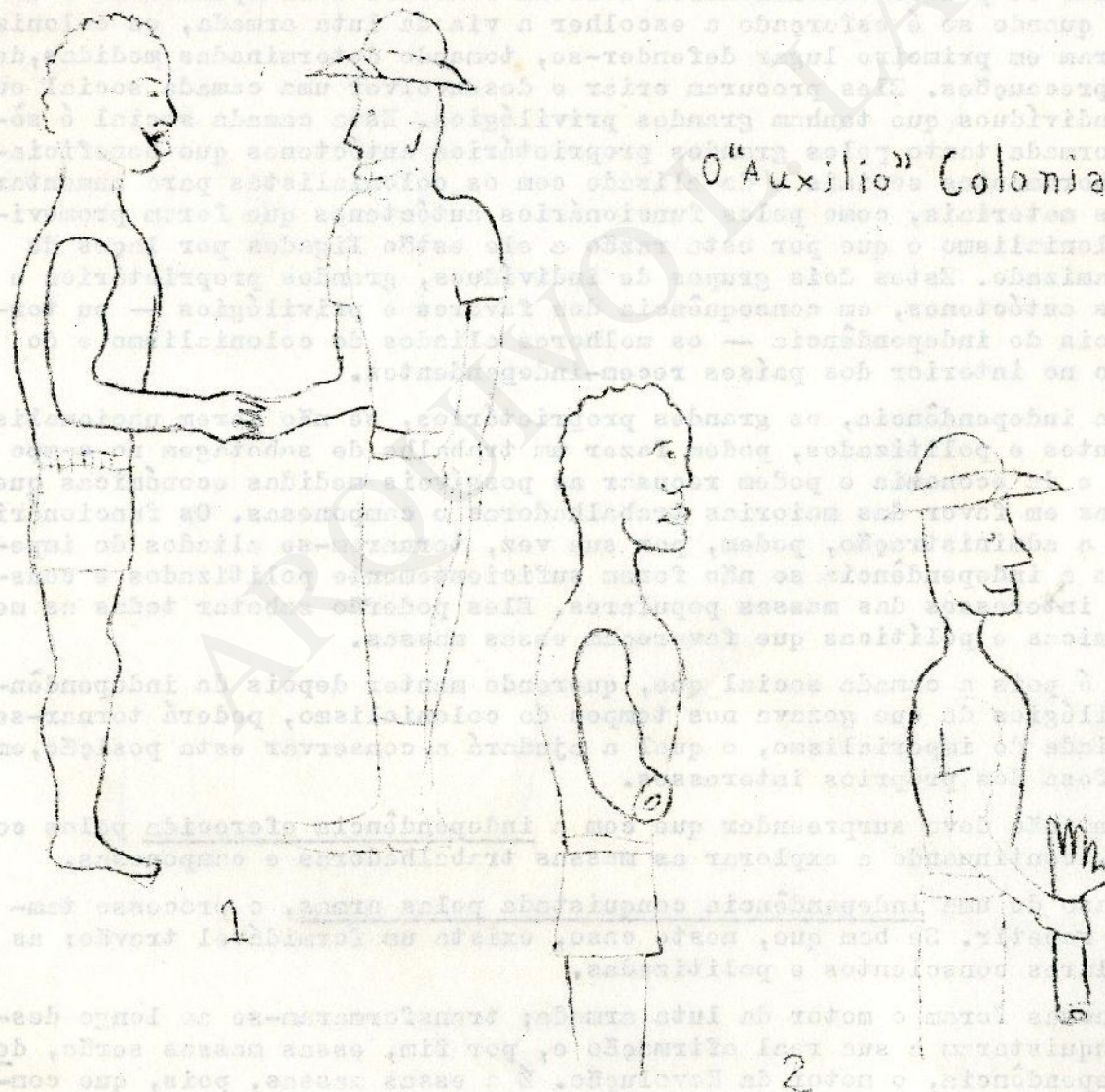
O Camarada Presidente indicou-nos o caminho quando afirmou: "penso que esta situação — o neocolonialismo — só poderá ser ultrapassado se se fizer uma ampla mobilização das massas".

Para vencer o neocolonialismo é necessário mobilizar as massas populares contra o neocolonialismo da burguesia nacional e da burguesia militar.

Assim, é dever de cada militante consciente politizar todos os angolanos que vivam à sua volta. Intensifiquemos a politização de todas as camadas sociais do nosso país. Não deixemos ao inimigo a mínima possibilidade de enganar um só dos nossos irmãos. **VIGILÂNCIA !**

"Artigo extraído de "VICTORIA OU MORTE", órgão de informação e combate do M.P.L.A." - Setembro de 1967.-

### O "Auxílio" Colonialista





## A EDUCAÇÃO COLONIALISTA PORTUGUESA

A característica do sistema de educação português, é que ele baseia-se na distinção de classe. Esta característica adquire dimensões monstruosas em Angola, porque nesta a divisão da sociedade em classes coincide quase inteiramente com a diferença de raças.

Enquanto que os colonos podem mandar os seus filhos para a escola primária governamental, para as escolas secundárias ou técnicas, para a universidade, as crianças africanas devem ir para as escolas católicas, ou então são mesmo impedidas de prosseguir os seus estudos secundários.

A razão desta situação enquadra-se na política - Governo Português/Igreja Católica. Salazar e o Vaticano formularam o "Acordo das Missões de 1940", completado pelo "Estatuto das Missões" de 1941". A partir desta data todo o sistema de educação do povo africano das colónias portuguesas foi confiado à Igreja Católica. Este acordo tinha carácter duplo e ia de encontro aos interesses das duas partes; por um lado o Estado colonialista garantia uma espécie de monopólio a estas missões da Igreja Católica, e estas por sua vez, asseguravam ao estado fascista a submissão dos africanos.

É preciso notar que esta submissão obtém-se mantendo a grande maioria dos africanos num estado de ignorância quase completo e fornecendo uma educação mínima unicamente a uma minoria. Todo o sistema parece ser especialmente concebido com este objectivo. As crianças africanas são primeiramente enviadas para estas escolas onde o "ensino de adaptação" é praticado durante 3 anos. Este "ensino de adaptação" tem como objectivo, principiar a destruição mental da criança através do ensino das doutrinas católicas. Como o ensino é feito em português, desde o começo, muitas crianças africanas (a maioria) não falando o português, são incapazes de passar as provas finais a não ser com a idade de 12 a 14 anos. Como a idade máxima para entrar na escola primária é fixada aos 13 anos, este é o primeiro entrave que os africanos se deparam. Este entrave à possível continuação dos estudos, tem por detrás os interesses das missões, e não só, também se traduzem no trabalho gratuito dos africanos para as missões. É de notar que nas missões católicas os alunos abarcavam a maior parte do tempo na a-



gricatura; esta situação não tinha como finalidade aperfeiçoar os conhecimentos do aluno no que respeitava às técnicas agrícolas, mas sim de satisfazer a necessidade de mão-de-obra gratuita por parte destas missões. A permanência constante do aluno nos campos agrícolas, tinha como objectivo impedir o aluno a aprendizagem das matérias, o que resultava na dificuldade encontrada na passagem das provas finais e consequentemente a obrigação de trabalhar a terra para proveito das missões.

Os alunos que atingiam o segundo estado de educação seguiam um programa inteiramente baseado sobre a cultura portuguesa: língua portuguesa, história e geografia de Portugal, moral cristã, artesanato e agricultura. Os cursos duravam dois anos. Um terceiro ano é necessário para a preparação dos alunos para as escolas secundárias e industriais. Entretanto pouquíssimas escolas de missionários vão actualmente até este terceiro ano, de modo que os alunos africanos devem frequentar uma escola privada para preparar os exames de admissão para o programa secundário. Isto representa o obstáculo definitivo porque com efeito as mensalidades são muito elevadas para uma família africana de média condição. Mas existe também outro obstáculo neste estado. A idade máxima de admissão à escola secundária é aos 14 anos, por isso é raro que uma criança africana tenha começado a escola mais cedo para ter completado no momento em que faz os seus 14 anos, os três anos de escola do primeiro estado e os três anos de escola primária.

Quanto às escolas governamentais para não-africanos foram repartidas em escolas primárias de 5 anos e em escolas secundárias de 7 anos. O ensino nos dois primeiros anos da escola secundária é realizado para aqueles que se preparam para entrar na Universidade. Há em Angola uma Universidade que não teve nenhum proveito para os africanos, sendo um número mínimo de entre eles que conseguiu completar os seus estudos. O papel da universidade em Angola não se enquadra na política de preparação de pessoal técnico para satisfação das necessidades mais gerais do Povo Angolano; antes pelo contrário o papel objectivo que desempenha tem como fim criar uma elite africana (não contando os filhos dos colonos) com interesses diametralmente opostos aos do Povo Angolano. A Universidade de Angola não é mais que um instrumento do colonialismo e com o único objectivo de formar técnicos que se enquadrem no processo colonial para perspectivar tal sistema de opressão ao Povo Angolano.



É suficiente, para dar uma aproximação deste sistema de educação, lembrar que 95% dos africanos em Angola são analfabetos. Tal é o resultado da "missão civilizadora" que a Igreja e o Estado colonial pretendem assumir durante séculos em África. Mas esta tática desenvolvida pelos colonialistas portugueses foi desmascarada pelo Povo Angolano e portanto o colonialismo continua a ser o mesmo - brutal, explorador e cheio de desprezo pela dignidade humana. Isto prova-se pelas bárbaras guerras de dominação que ele dirige nas colónias. As concessões que os colonialistas fizeram (ou melhor foram obrigados a fazer), tinha e tem como fim enganar o Povo Angolano. Se por um lado eles constroem uma escola, por outro lado destroem centenas de aldeias e como tal é impossível enganar o povo angolano. A educação em Angola é a que sempre foi - racista, paternalista, obscurantista, anti-nacional e de má-qualidade.

De facto, um tal resultado não é de maneira nenhuma um contratempo quanto à sua concepção das coisas. Para os portugueses, a educação conheceu como função fundamental perpetuar a desigualdade. A ignorância para as massas e a indocinação para alguns era a significação verdadeira do ideal proclamado "a assimilação" dos africanos para a educação. A contradição não é mais que aparente porque todo o sistema de escolaridade estava centrada sobre o reforço do princípio do colonialismo, não sómente pela escolha dos privilegiados que podiam ter acesso à escola, mas sobretudo pela escolha das matérias ensinadas. Se qualquer lucro foi tirado deste ensino foram os opressores que dele beneficiaram. Os conceitos idealistas e místicos ensinados nestas escolas, tal como a superioridade da cultura portuguesa e católica, foi completamente desligado das necessidades do povo e fora de todo o princípio científico, conduzindo unicamente à apologia do imperialismo. Num regime escravagista, a educação não é, mais do que uma instituição que tem por princípio a formação dos escravos.

A educação é o sector em que a propaganda colonialista mais ruidosamente tenta "demonstrar" a efectividade e a viabilidade do sistema colonial português.

Na verdade, segundo estatísticas portuguesas, o nº de escolas aumentou e o nº de alunos nas escolas primárias e "estabelecimentos escolares" cresceu de 109.000 em 1960 para 225.000 em 1966 e 363.000 em 1967/68.



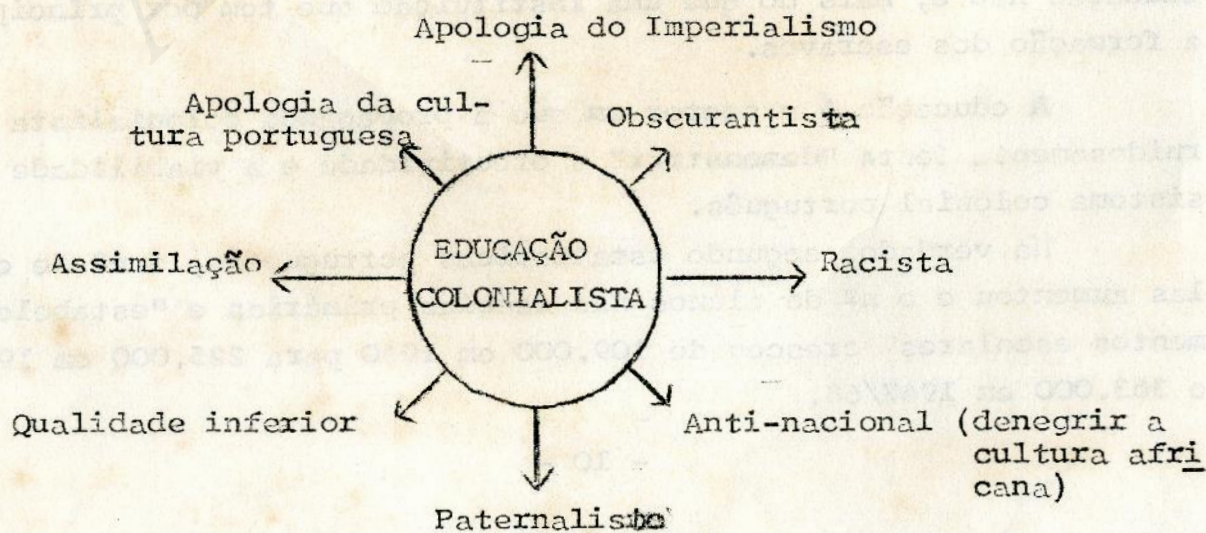
Mas vejamos as coisas mais de perto:

1 - O próprio facto de o povo angolano levantar-se em armas antes dos portugueses se lembrarem que era necessário abrir escolas é mais do que suficiente para mostrar a incompetência e obscurantismo do colonialismo Português.

2 - É verdade que o nº de escolas cresceu. Mas tem de se ter em conta tanto o nº crescente de crianças portuguesas em Angola, que vão à escola, e as intensões propangandistas das estatísticas da educação.

3 - Mesmo que o nº 360.000 crianças escolarizadas fosse verdadeiro, isso significaria ainda que só 30% de todas as crianças (dos 6 aos 14) frequentavam a escola primária. Esta taxa é ainda mais baixa do que em países africanos independentes, como por exemplo: o Gana, onde é de 60%. Além disso, no Gana são crianças africanas, enquanto em Angola uma grande percentagem são portuguesas. Outro exemplo, é a Zâmbia, cuja população é 70% da de Angola, onde 600.000 crianças frequentavam a escola nesse ano lectivo (1967/68).

4 - Em 1966/67, 2/3 de todas as crianças escolarizadas estavam ou nas escolas preparatórias ou na 1ª classe; menos de 1/5 estavam registadas na 2ª classe, pouco mais de 10% na 3ª classe e somente 7% na 4ª classe. Somente 55% das crianças registadas nas classes primárias ficaram aprovadas, e de 18.550 registadas na 4ª classe, somente 4.279 ficaram aprovadas nos exames comprovatórios de admissão da instrução primária (Documento da ONU A/AC. 109/L. 538/Add. 1 de 31/3/69). Isto mostra o rendimento muito baixo da educação primária devido à falta de interesse das autoridades, à falta de professores e o exorbitante preço dos compêndios, entre outras coisas.





NEGRO COLONIZADO

Na tua pele, irmão  
Negro colonizado  
Jazem abertas  
Todas as chagas que o colonialismo opressor  
Com todas as suas garras  
Cravou na pele do teu povo

Na tua pele  
Irmão  
Estão quinhentos anos  
De exploração constante  
Quinhentos anos que te oprimem  
A fuga para a libertação

Na tua pele negro colonizado  
Fervilha o clamor  
Dos teus irmãos tombados  
Ansiosos de Liberdade  
Lutadores pela Libertação  
Do Povo oprimido

Na tua pele negro colonizado  
Estão as soluções  
Para o esmagamento total  
do colonialismo que oprime  
O teu Povo

Está na tua pele  
Irmão, negro colonizado  
A ânsia da LIBERDADE

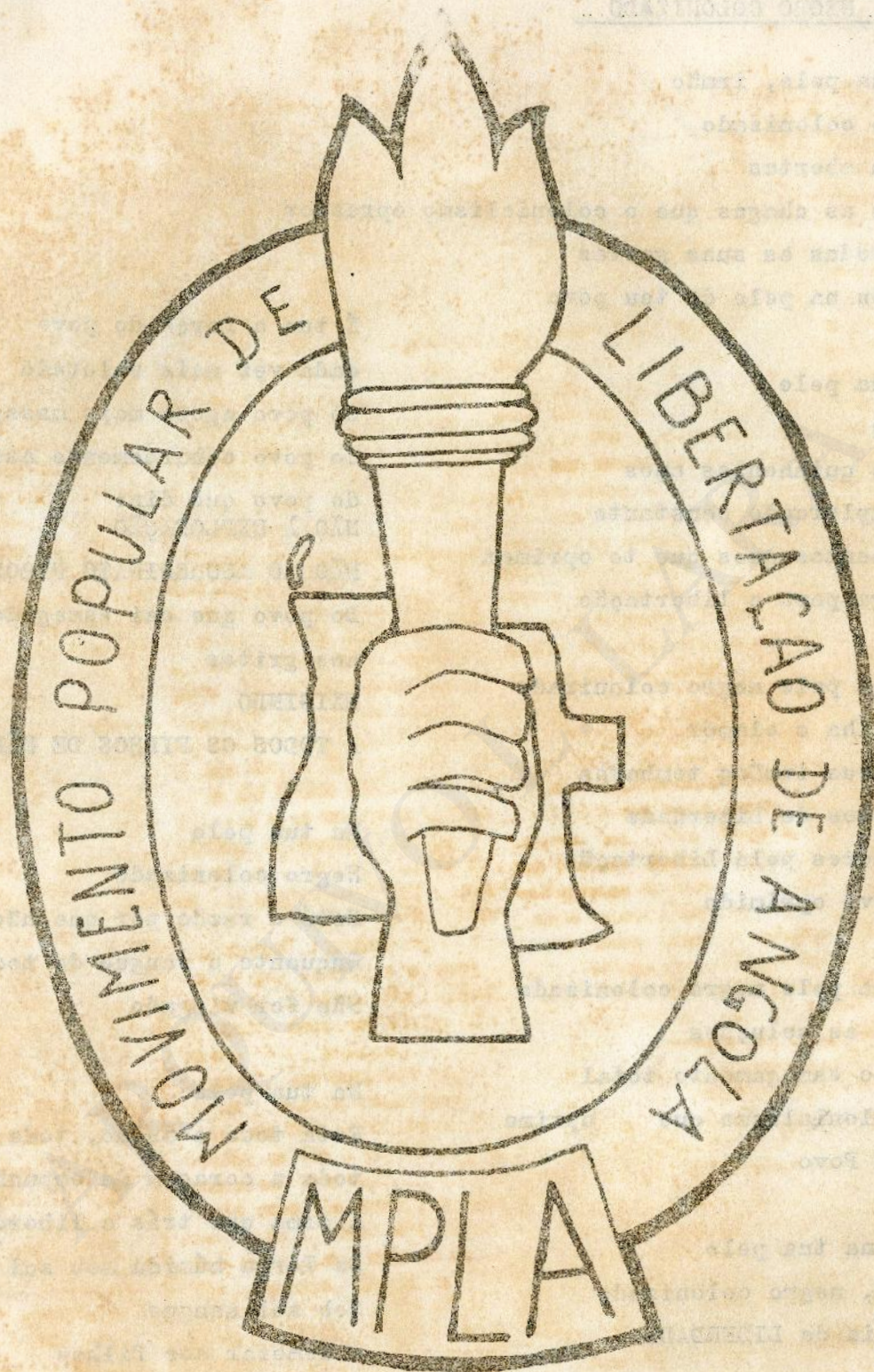
É tua a força do povo  
cada vez mais enlutado  
do povo agora mais massacrado  
do povo cobardemente assassinado  
do povo que diz:  
NÃO À EXPLORAÇÃO  
NÃO AO ASSASSINATO FERROZ E COBARDE  
Do povo que cai esmagado  
aos gritos  
EXIGINDO  
A TODOS OS FILHOS DE MÃE ÁFRICA

Na tua pele  
Negro colonizado  
Está a razão por que não deves parar  
Enquanto o sangue de todo o teu povo  
Não for vingado

Na tua pele  
Está todo o ânimo, toda a coragem  
toda a coragem de empunhares  
A arma que trás a liberdade  
Da Terra húmida sob sol quente  
Sob sol sangue  
a lembrar aos filhos  
Que  
A luta avança  
A luta continua até ao esmagamento  
total  
Do colonialismo opressor  
Porque a História é irreversível  
E a Vitória, essa

A VITÓRIA É CERTA





UM SÓ POVO, UMA SÓ NAÇÃO, SOB A BANDEIRA DO

MPLA

A VITÓRIA É CERTA!